

O ESTÁGIO DE VIVÊNCIAS NA REALIDADE DO SUS BAHIA: um relato de experiência de gestores da educação permanente no Estado da Bahia
Autores: Silvia Cypriano Vasconcellos, Mariana Bertol Leal, Aline Gomes Fernandes, Ana Angélica Almeida Barreto, Emmanuela Mendes Amorim.

Em 2002, a Escola Estadual de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul (ESP-RS), cria a Assessoria de Relações com o Movimento Estudantil e Associações Científico-Profissionais da Saúde, objetivando aproximar estudantes do desenvolvimento de projetos que visam estabelecer uma política de educação para futuros profissionais do SUS. A partir daí, surge a proposta de Vivência e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS), que teve como versão piloto a vivência no Estado do Rio Grande do Sul, sendo posteriormente ampliada para outros estados brasileiros. O projeto de Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS/Brasil) foi iniciado em 2003 e gerou a oportunidade de 1.200 estudantes estabelecerem contato com 60 Secretarias Municipais de Saúde ao longo de 2004 (CECCIM, BILIBIO, 2004).

Os estágios e vivências constituem importantes dispositivos que permitem o estudante experimentar um novo espaço de aprendizagem que é o cotidiano de trabalho das organizações de saúde, entendido enquanto um princípio educativo e os processos de lutas e educação dos setores do campo, possibilitando a formação de profissionais comprometidos ético e politicamente com as necessidades de saúde da população. Esta iniciativa aliada ao fortalecimento e ampliação dos processos de mudança da graduação e da construção de novos compromissos entre as instituições de ensino, os serviços e movimentos sociais podem orientar novas práticas pedagógicas, a partir da articulação do tripé universitário ensino-pesquisa-extensão e novas práticas de saúde, contribuindo para a implementação de políticas públicas em diferentes localidades, com abertura para ações intersetoriais.

Pode-se dizer que o estágio de vivência se assemelha aos projetos de extensão universitária, por ser uma proposta onde o estudante sai dos muros da academia e vai conhecer/vivenciar alguma situação/organização da comunidade/sociedade.

O primeiro setor estudantil a realizar esse tipo de atividade foi o movimento estudantil de Agronomia, que selecionava estudantes para vivenciar, durante alguns dias, a questão agrária em assentamentos de reforma agrária, em parceria com o Movimento dos Sem Terra. Na saúde, a executiva nacional (o termo será explicado mais à frente) de Medicina foi a primeira a levar estudantes para vivenciar a saúde da população através do conhecimento da organização do Sistema Único de Saúde (SUS), ora dando ênfase à gestão desse sistema, ora acompanhando e conhecendo como a implementação da assistência tem se dado em diversas regiões brasileiras.

O Rio Grande do Sul, no ano de 2002, através de uma parceria entre a Escola de Saúde Pública (EPS-RS) e o movimento estudantil, foi o primeiro estado a realizar um estágio de vivência *interdisciplinar*, com vários cursos da saúde.

Na Bahia, a Escola Estadual de Saúde Pública do Estado da Bahia (EESP), cumprindo com sua missão de formar e qualificar profissionais e trabalhadores da saúde em consonância com a Política de Educação Permanente no Estado Bahia e com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde, realizou o projeto piloto do Estágio de Vivências na Realidade do SUS, com a participação de cento e vinte três (123) estudantes dos cursos de graduação da área da saúde, acrescentando Saúde Coletiva e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, selecionados pela Comissão Local, com o intuito de testar a metodologia, parte

importante do processo de formação de futuros facilitadores de novas vivências. O Estágio de Vivências aconteceu no período de 21 de julho a 01 de agosto de 2009, e pedagogicamente, foi dividido em dois momentos: a formação teórico-prático; a imersão no município (a vivência). O processo de formação teórico-prático aconteceu durante quatro dias para todos os estudantes que participaram do projeto. E a partir de aulas, seminários e oficinas pedagógicas sobre história do SUS, políticas de saúde no Brasil, concepções de saúde, controle social e formação em saúde na Bahia foram abordados os quatro eixos: gestão, atenção à saúde, formação (ensino-pesquisa-extensão) e participação popular. As vivências foram realizadas de forma descentralizada em cinco (5) municípios do Estado da Bahia, Itabuna, Itaberaba, Jequié, São Francisco do Conde e Vitória da Conquista, através da imersão.

Após aprofundamento teórico de quatro dias, os estudantes, acompanhados dos "mediadores de aprendizagem" já capacitados, viajaram para o município e durante sete dias fizeram observações frente à realidade do Sistema Único de Saúde e participaram de reuniões em grupos para tematizar os problemas encontrados. E para subsidiar as discussões foi entregue a cada estudante um caderno de texto.

O projeto buscou aproximar pedagogicamente os estudantes, possibilitando um contato direto com o SUS, visando uma transformação na cultura interna das IES, nas relações entre os atores sociais da formação, no dia-a-dia do campus acadêmico, para gerar mudanças curriculares necessárias às reais necessidades do sistema.

Após a edição piloto do estágio de vivências, imbuída do compromisso com a continuidade do processo, a EESP oportunizou a mais quatrocentos e cinquenta (450) estudantes a segunda edição do Estágio de Vivências na Realidade do SUS Bahia que ocorreu em vinte e oito (28) municípios baianos. Para segunda etapa do projeto do Estágio de Vivências no SUS Bahia a Direção da EESP juntamente com a Coordenação de Integração de Ensino e Trabalho optou pela coresponsabilização das coordenações da escola e trabalhadores pelo desenvolvimento do estágio. Inicialmente, estruturamos comissões para o planejamento e implementação das ações do projeto. A partir da construção coletiva deste projeto na EESP, a Coordenação de Ensino responsabilizou-se por duas frentes: inscrição, seleção, divulgação e material didático e formação pedagógica.

Neste relato de experiência, apresentaremos a construção da “mochila de artefatos” para O Estágio de Vivências no SUS Bahia, instrumento importante para o processo de aprendizado do estágio.

Na segunda edição do estágio, os estudantes que se identificaram com a proposta do Estágio de Vivências no SUS, participaram do projeto piloto e aceitaram o desafio de pensar em práticas pedagógicas que problematizem os cenários de prática da formação, passaram por um processo de formação pedagógica promovido pela EESP. Esse processo de formação pedagógica aconteceu no período de 03, 17 e 24 de outubro de 2009, pedagogicamente, dividido em dois momentos, a formação teórica, abordando temas como a História dos Estágios de Vivências, o Papel do mediador de aprendizagem, Políticas Públicas de Saúde, Atenção Básica, e a estruturação da proposta da vivência; e a formação instrumental que consistia em dar acesso para os estudantes a metodologias ativas de aprendizado e dinâmicas. A proposta de construção de uma “mochila de arte-fatos” surgiu a partir da concepção metodológica da “caixa de ferramentas” de Emerson Elias Merhy (2002), em que as teorias e conceitos são elementos que nos ajudam a interpretar e propor mudanças na realidade. Assim, tal como um

artesão, sujeito criador de um objeto manufaturado, um profissional da saúde torna os conceitos instrumentos de interpretação e mudanças de cenários de trabalho em saúde. Ou seja, diante de um determinado contexto, podemos lançar mão de teorias e conceitos que nos ajudem a interpretar e mudar o cenário que se apresenta. Essa idéia foi então adaptada para do estágio de vivência onde o estudante é um interlocutor singular que carrega em sua mochila instrumentos que o ajudem a olhar, sentir e pensar essas diferentes realidades, organizações e pessoas do SUS-Bahia.

Essa mochila “recheada” de materiais para vivência forneceu aos estudantes um guia que tanto vislumbrava disparar reflexões acerca de cada vivência, apontando possíveis questionamentos para serem abordados e melhor observados, quanto fornecia conceitos e definições sobre temas que seriam objeto de observação, facilitando o processo de aprendizado. Além disso, a mochila símbolo do estágio foi proposta aos estudantes para que estes deixassem as mãos livres para dar as mãos aos colegas na caminhada de construção do conhecimento coletivo e um aperto de mãos diante de um trabalhador e usuário dos serviços, e levassem na bagagem apenas o necessário em termos de pré-conceitos (a serem problematizados em atos e encontros).

Os estudantes facilitadores passaram por este processo de formação pedagógica para empoderarem-se de instrumentos e metodologias para mediação de um processo de formação baseado na aprendizagem significativa. Observamos, preliminarmente, através de um processo de avaliação realizado pós-estágio, a importância da “mochila de artefatos” e do processo de formação pedagógica como instrumentos essenciais aos facilitadores para mediação do processo de aprendizado e condução da vivência, bem como destacamos a importância do próprio estágio como dispositivo para o processo de aprendizagem e sensibilização dos futuros profissionais de saúde que atuarão, em breve, no Sistema Único de Saúde.

O estágio traz a cena um novo espaço de aprendizagem que é o cotidiano do trabalho das organizações de saúde, fez aumentar implicação da gestão na construção do SUS, ao repensar sobre os processos de formação multiprofissional e refletir sobre política e necessidades de saúde da população. Esse encontro da graduação e gestão nos faz avaliar que, “o SUS é uma Escola”, promove a aproximação e integração dos atores que compõem este cenário, estreita relações e qualifica as ações e práticas nos serviços de saúde, e trata-se de uma importante ferramenta de aprendizado e sensibilização dos futuros profissionais de saúde para trabalhar no sistema único de saúde.

Há algum tempo, Instituições de Ensino Superior, Escolas de Saúde Pública, Gestões Estaduais e do nível central apóiam e reconhecem os estágios e vivências como importantes dispositivos para mudança de prática e educação na área da saúde. Na Bahia, observamos empiricamente que Estágio de Vivências oportunizou aos estudantes da área da saúde experimentar um novo espaço de aprendizagem que é o cotidiano de trabalho das organizações de saúde, os aproximando do debate da formação, dos processos de lutas e educação dos setores do campo e possibilitando a estes futuros profissionais um espaço de diálogo e reflexão do seu processo de formação profissional.